

Estado de Minas – 21/03/2010

Eletrobras renasce como a Petrobras do setor elétrico

Zulmira Furbino

O governo lança oficialmente na segunda-feira, em grande estilo, a Petrobras do setor elétrico brasileiro: a nova Eletrobrás. A empresa, cuja marca - a ser apresentada também na segunda - perde o acento agudo (vira Eletrobras), será repaginada e terá sob o seu guarda-chuva, funcionando de forma integrada, as marcas Furnas, Chesf, Eletrosul, Eletronorte e metade de Itaipu. Hoje, a Eletrobrás é uma holding capenga e as subsidiárias - como a mineira Furnas - funcionam de forma praticamente independente. O lançamento deve ser um dos últimos atos oficiais do governo com a participação de Dilma Rousseff como ministra.

A nova companhia, que será a empresa de energia do governo federal, também nasce com ambições internacionais e com um capital de cerca de R\$ 120 bilhões, segundo estimativas de mercado. Todas as subsidiárias passarão a ter a mesma marca da holding, nas cores azul e verde e terão o nome da controladora incluído nos logotipos. Hoje, a estatal é a 10ª empresa de energia do mundo, a quarta em produção de energia limpa e a líder mundial na área de transmissão. Em 10 anos, a prioridade será a internacionalização com foco nas Américas, principalmente Argentina, Colômbia, Peru e Estados Unidos.

Somente em 2010, a estatal de energia vai investir R\$ 9 bilhões. No ano passado, a empresa investiu R\$ 5,4 bilhões. Este ano, os investimentos serão direcionados para as usinas hidrelétricas Santo Antônio e Jirau, em Angra 3 e também em linhas de transmissão ligando Porto Velho (RR) a São Paulo. Em 2011 e 2012, a empresa investirá cerca de R\$ 15 bilhões.

DESAFIO O maior desafio da companhia agora será melhorar sua governança corporativa, no sentido de buscar fortalecimento por meio de participação em projetos que remunerem adequadamente o capital investido, avaliam especialistas ouvidos pelo Estado de Minas. Entre 1997 e 2007, o IVA da estatal, índice que mede o custo de oportunidade de capital, registrou resultados negativos de forma reiterada. "Por definição, uma empresa deve gerar e não destruir valor para o acionista, que neste caso, é a sociedade brasileira", observa **Claudio Sales**, presidente do **Instituto Acende Brasil**.

"Um estudo que mede o desempenho das empresas do setor elétrico como um todo mostra que o IVA pode ficar em zero ou um pouco acima, o que é razoável, já que este é um setor regulado e intensivo em capital. Agora, um IVA negativo ninguém sustenta", diz **Sales**. De acordo com ele, de projetos como as usinas de Santo Antônio e Jirau, nos quais a estatal participa junto com a iniciativa privada, a expectativa é de retorno econômico sustentável.

Alvo de pressões políticas de toda natureza que inibem sua eficiência, o mercado espera que qualquer movimento da estatal integrada deverá ser precedido por um avanço rigoroso em qualidade de governança com o objetivo de obter resultados além do discurso. Até então, cada subsidiária tinha uma espécie de padrinho político, que nomeava sua diretoria. Há dois anos, uma disputa entre a ministra Dilma Rousseff e o PT do Rio Grande do Sul deixou, por meses, a Eletrosul sem presidente. Nas empresas do Norte e Nordeste, os manda-chuvas eram nomes ligados ao PMDB, como Jader Barbalho.

Exterior

"Ao ser integrada, a Eletrobrás passará a ser uma grande empresa, com um patrimônio líquido enorme, expertise para atuar no exterior e uma marca que será mais respeitada internacionalmente. Operacionalmente, terá mais ganhos e economia de escala", acredita Aloísio Vasconcelos, consultor de energia e ex-presidente da estatal. Ele lembra que, fundada em 1954, a companhia não tinha atuação internacional permitida por lei. "Na presidência, trabalhamos muito para tirar a expressão 'no território brasileiro' do objetivo social da Eletrobrás, porque o mercado mundial convidava a empresa", lembra. A estatal tocou projetos em Angola, México, El Salvador, Turquia e Moçambique. Além desses mercados, contudo, Vasconcelos afirma que existem muitos outros no mundo.

O desafio da nova Eletrobras, segundo ele, é prestar um serviço de excelência em energia e levar para a América Latina o sucesso do programa de eletrificação rural criados aqui, como o Luz para todos. "No Peru, 40% da área rural não está eletrificada", afirma. Situação semelhante é encontrada na Bolívia, Equador, Panamá e Nicarágua. "O mercado latino-americano é fantástico para a eletrificação rural. E a indústria brasileira pode acompanhá-lo fornecendo transformadores, cabos de alumínio, seccionadores. Mas, para isso, será preciso financiamento do BNDES. Os bancos de desenvolvimento do mundo inteiro fazem isso com os produtos de seus países", lembra.